

Exmo. Senhor Professor Doutor António Sampaio da  
Nóvoa, Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa.

Exmo. Senhor Professor Doutor José Fernandes e  
Fernandes, Egrégio Diretor da Faculdade de Medicina  
da Universidade de Lisboa.

Senhores Professores.

Minhas Senhoras.

Meus Senhores.

Ao receber a notícia da indicação do meu nome para ser agraciado com a Medalha de Honra da Universidade de Lisboa, que me é entregue nesta solenidade, senti-me tomado por uma sensação de perplexidade. Asseguro-vos que a emoção foi perturbadora. E esse sentimento se renova agora, com intensidade mais elevada, ao fazer o meu agradecimento. Cumpro-o com profunda emoção, com

perfeita sinceridade, pelo muito que me exalta o prêmio que a vossa benevolência houve por bem me agraciar.

Conheço bem os caminhos da vida e as quimeras do homem para não me deixar envolver em deslumbramento excessivo, acima dos limites a que me seria legítimo aspirar. Com efeito, imaginai, senhoras e senhores, a emoção de um médico diplomado em Faculdade brasileira emergente de seu centenário ao ver-se ungido às culminâncias com que o cumulou a vossa generosidade – originária de uma Universidade que conta a sua fundação no século XIII, precisamente no ano de 1290, por diploma de D. Diniz, sob a autorização do Papa Nicolau IV, e na qual espargiram sua genialidade, citando apenas a ciência médica, homens da grandeza de um Egas Moniz. Tal

circunstância se nivela com precisão àquelas admiravelmente descritas por Stefan Zweig como momentos supremos da vida de um homem. A vocação médica, como bem o sabemos, tem algo de vocação religiosa, desde o sacrifício ao arrebatamento, desde o silêncio ao triunfo, e é essa vocação – sobre a qual frustra-se o mecanismo de controle, já que provem das emanções da emotividade – que exulta neste momento grandioso, associando o prestígio imortal desta Casa à minha modesta e despretensiosa caminhada, em cuja penumbra faíscam pela primeira vez, os lampejos de poucas horas fugazes – as mais luminosas de toda a minha vida profissional.

A refletir na honra que me toca, apraz-me demorar o sentido na alta reputação de que goza a vossa

Universidade no painel da nacionalidade. Tal prestígio, Senhor Reitor, é obra de vosso trabalho e do daqueles que vos precederam. Não se trata de um prestígio outorgado somente pela comunidade acadêmica, mas de um prestígio nacional, com amplas ressonâncias em todos os patamares sociais da Nação.

Os brasileiros voltados para o conhecimento da organização civil, econômica e geopolítica do País sabem reconhecer que foi de um dos traços mais relevantes, senão o principal, que modelaram o perfil da civilização lusitana que resultou, no processo de colonização, a teoria do homem brasileiro cordial. Tal concepção encontra-se magistralmente delineada em duas obras-primas: "Casa Grande & Senzala", de Gilberto Freire e "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque

de Holanda. Nelas se encontram inseridos todos os elementos que interagiram na transformação de duas pátrias em uma só regidos sob o signo da benevolência, da tolerância e da harmonia. E não foi outro o sentido que inspirou a aproximação e o conseqüente intercâmbio entre a Universidade de Lisboa e a Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao empenho dessa missão de achegamento tive o privilégio de, embora palidamente, intermediar os passos do acordo entre as duas universidades. Através desse mister, pude acompanhar, sempre com reverencial admiração, as atividades de uma figura singular de médico, professor e homem do seu tempo que se chama José Fernandes e Fernandes.

Permitir-me-eis, senhores professores, e todos vós meus senhores, que sobre esse fraternal amigo e companheiro de inúmeras jornadas médicas, dedique uma relevância especial nestas palavras. É dos homens mais brilhantes que até hoje conheci, não somente pela cultura, pela inteligência e pelos dotes profissionais, como também pelos valores humanos que lhe habitam a personalidade. Juntos participamos de várias jornadas internacionais de Angiologia e Cirurgia Vasculiar, o que me habilita a depor sobre o conceito altíssimo que desfruta em nossa especialidade em todo o mundo. Por isso mesmo, e pela sua experiência na administração do ensino médico, andou bem a Universidade de Lisboa ao reconduzi-lo para um quarto mandato na direção da Faculdade Medicina.

Senhores professores,

Ao sobrevoar na manhã de ontem a doce cidade de Lisboa, surgiu-me à sensibilidade estes versos do nosso grande Manuel Bandeira para uma melodia composta pelo também notável Ary Barroso, ícone da música popular brasileira. Tal parceria, lamentavelmente, terminou no ineditismo. Mas, são estes os versos:

Como foi que temperaste,

Portugal, meu avozinho,

Esse gosto misturado

De saudade e de carinho?

Gosto de samba e de fado,

Portugal, meu avozinho,

Ai Portugal que ensinaste

Ao Brasil o teu carinho!

Pois bem, senhores, dominado por esse paroxismo da emotividade falei para a minha mulher: -Não estou apenas chegando à Lisboa; estou mais uma vez retornando à essa querida cidade, só que agora com as palmas das mãos voltadas para a sua Universidade num rito de gratidão por essa homenagem que considero a mais alta que tive a ventura de experimentar ao longo da existência.

Muito obrigado.